# Pontuando a moral kantiana\* - 23/02/2016

Haveria na moral grega um recado do universo, uma moral cosmológica: fazer-se-  
ia de acordo com as suas propensões, seus atributos. Agir-se-ia de acordo com  
sua virtude. Porque no universo tudo teria um por que, uma finalidade. O vento  
refresca, a vaca dá leite, o desenhista desenha. De acordo com Sócrates:  
conhece-te a ti mesmo. Observe suas qualidades e faça de acordo com elas, esse  
seria o mandamento cósmico, a moral seria fazer de acordo com a sua  
constituição. Kant não entenderia dessa forma: agir-se-ia de acordo com a  
vontade. Tenho virtudes, mas depois disso, tenho uma vontade que direciona  
essa virtude. As virtudes em si não teriam valor, o que teria valor seria o  
que faço com elas, como eu as usaria e como elas teriam efeitos nos outros.  
Para os gregos não existiria os outros, existiria uma necessidade cosmológica.  
  
Se os gregos se orientavam pelas virtudes, seria quem tem mais virtudes que se  
destacaria, os que teriam menos virtudes serviriam aos que tem mais. Haveria  
uma diferença aí (de natureza), haveria um privilégio, uma seleção, haveria  
uma moral aristocrática. Para Kant não, decidir-se-ia pela vontade, pelo uso  
da razão e esta seria acessível a todos. Nesse momento, haveria uma igualdade  
como que a nivelar certa diferença de natureza e, a partir daí, seguir-se-ia  
como se pode. Até aqui dois rompimentos.  
  
A terceira ruptura viria da moral cristã. Nela, seguiríamos as leis de Deus ou  
porque seríamos tementes a Deus - teríamos medo da não obediência e de um  
castigo eterno, ou porque quereríamos uma bem temperança eterna, quereríamos  
garantir um futuro promissor à nossa alma. Agir-se-ia movido por um causa  
exterior. Mas Kant teria pregado uma moral descompromissada, ao agir não  
pensaríamos nas consequências benéficas para nós, agiríamos livres de  
influência exterior e em prol do outro.  
  
Estamos no campo prático, mas e o campo teórico?\*\* A razão teórica busca o  
conhecer e há limites nesse conhecer. A razão teórica fica no limite do  
fenômeno e da coisa-em-si e se perde em antinomias. Haveria liberdade ou  
seríamos totalmente determinados? Como se dão as séries, há umas sem causa,  
com uma causa em si?\*\*\* A razão teórica não se decide, mas a solução viria  
pela razão prática. Parece que seria a própria razão a responsável por nossa  
ação, no campo prático (conforme vimos acima, conforme estamos supondo). O  
sujeito da razão prática seria autônomo em relação ao objeto, haveria uma  
vontade autônoma. Parece que esse é o caminho que deveremos tentar desvendar,  
caminho que será enfatizado pelo idealismo alemão (com o primado da razão  
prática), mas com Schopenhauer varrendo esse caminho para debaixo do tapete e  
apontando para uma heteronomia, com a vontade determinada.  
  
   
  
\_\_\_\_\_  
  
\* De um [vídeo aula](https://youtu.be/LeqXsC1ARA4) do professor Clóvis Barros Filho.  
  
\*\* A partir de agora se argumenta conforme 1ª aula de Filosofia Geral IV,  
prof. Eduardo Brandão, 22/02/2016.  
  
\*\*\* Precisamos tirar a poeira desses conceitos kantianos, relembrá-los,  
reforçá-los...